

“PARA SEGURAR EM SUAS MÃOS”: ETNICIDADE E RESISTÊNCIA NA CARTA DE ELZA SOARES – O CASO KETHELEM ROMEU

**“TO HOLD IN YOUR HANDS”: ETHNICITY AND RESISTANCE IN ELZA
SOARES’ LETTER – THE CASE OF KATHELEN ROMEU**

**“PARA SOSTENER EN SUS MANOS”: ETNICIDAD Y RESISTENCIA EN LA
CARTA DE ELZA SOARES – EL CASO DE KATHELEN ROMEU**

Adelci Silva dos Santos

Pós-Doutorado em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) 2023. Doutor em História Política pela UERJ - 2020. Pesquisador CNPQ pelo Núcleo de Estudos das Américas - UERJ (NUCLEAS). Mestre em História Cultural pela Universidade Severino Sombra de Vassouras - RJ - 1999. Especialista em História do Brasil pela Universidade Severino Sombra , Vassouras - RJ, Graduado em História pela mesma universidade em 1991.

RESUMO

O artigo analisa a crescente letalidade das ações promovidas pelas polícias militares do Brasil tendo com cenário principal o episódio do assassinato da design negra, Kathelen Romeu, em uma favela do Rio de Janeiro no período pós-pandemia. A jovem, grávida de sete meses morta por tiro de fuzil, foi o objeto de manifestação da cantora Elza Soares em carta publicada na Revista Piauí; O texto utiliza os argumentos contidos na carta, bem como parte da produção musical do cantor Emicida, para contrapor as justificativas apresentadas pela polícia e pelos tribunais de justiça para o tratamento diferenciado dispensados a negros e brancos no país. Da mesma forma, apresenta uma amostragem estatística desta letalidade, apone ptando que tal prática se constitui em uma política de Estado e não é fruto de acontecimentos ao acaso.

Palavras-chave: Justiça Seletiva; Racismo estrutural; Mulheres negras.

ABSTRACT

The article analyzes the increasing lethality of actions promoted by the military police in Brazil, focusing on the case of the murder of the Black designer Kathelen Romeu in a favela in Rio de Janeiro during the post-pandemic period. The young woman, seven months pregnant and killed by a rifle shot, was the subject of a statement by the singer Elza Soares in a letter published in Revista Piauí. The text uses the arguments presented in the letter, as well as part of the musical production by the artist Emicida, to counter the justifications provided by the police and the courts regarding the differential treatment given to Black and white people in the country. Similarly, it presents a statistical sample of this lethality, pointing out that this practice is a state policy and not the result of random events.

Keywords: Selective Justice; Structural Racism; Black Women.

RESUMEN

El artículo analiza la creciente letalidad de las acciones promovidas por las policías militares de Brasil, teniendo como escenario principal el episodio del asesinato de la diseñadora negra Kathelen Romeu, en una favela de Río de Janeiro en el período post-pandemia. La joven, embarazada de siete meses y muerta por un disparo de fusil, fue objeto de manifestación por parte de la cantante Elza Soares en una carta publicada en la revista Piauí. El texto utiliza los argumentos contenidos en la carta, así como parte de la producción musical del cantante Emicida, para contraponer las justificaciones presentadas por la policía y los tribunales de justicia ante el trato diferenciado dispensado a negros y blancos en el país. De igual manera, presenta una muestra estadística de esta letalidad, señalando que dicha práctica se constituye como una política de Estado y no es el resultado de acontecimientos fortuitos.

Palabras clave: Casos Justicia selectiva; Racismo estructural; Mujeres negras.

SEMPRE O RIO DE JANEIRO: MAS NÃO APENAS O RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro, com pouco mais de 6.2 milhões de pessoas é a segunda maior do país e a quarta da América Latina, podendo chegar a uma população absoluta acima de 13,6 milhões de pessoas. Seu efetivo policial de 44.000 mil homens, no entanto, não garante a segurança dos moradores. A capital fluminense ocupa o topo do ranking de letalidade policial¹, acima até mesmo da Cidade de São Paulo, a maior da América Latina. A população preta e parda na cidade do Rio é de 54,3%, perdendo apenas para a capital baiana, Salvador².

A capital carioca sempre teve intensa movimentação urbana e transformou-se num grande polo de atração de populações periféricas e mesmo de outros estados, de tal forma que passa, constantemente, por um processo de inchamento da população que, sem possuir os recursos necessários derrama suas moradias pelas encostas dos morros adjacentes e outras áreas insalubres, onde a pobreza campeia livremente. Soma-se a essa massa de migrantes, o enorme contingente de descendentes da escravaria que fora liberta antes e após o 13 de maio de 1888, sem uma política de inserção na sociedade civil, no mercado de trabalho e no sistema educacional.

Esse histórico, fez surgir, desde cedo, uma força policial extremamente repressora e violenta que elege, historicamente, como alvo de suas ações, homens, mulheres e crianças de pele negra e parda. Já em 1817, o cronista francês Jacques Arago (*in* FRANÇA, 2021) registrava uma ação policial nas ruas fluminenses.

“O policiamento do Rio é bastante rigoroso, mas, ainda assim, os crimes são muito frequentes. Por que isso? Ora, porque, por todo lado, preferimos punir um delito a evitar que ele

1 Informação disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/15/rio-de-janeiro-tem-15-das-50-cidades-brasileiras-em-que-a-policia-mais-matou-em-2020> acessado em 17/11/2021

2 <https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/rio-eacute-segunda-cidade-com-mais-negros-pardos-do-brasil-segundo-ibge-3238937.html> acessado em 17/11/2021

ocorra. Os agentes desta polícia infernal são recebidos em todos os lugares e celebrados em todos os lugares; o seu papel é oprimir, não reprimir; saem para capturar negros como saímos para caçar lobos. Juntamente com outras forças policiais, organizados militarmente e denominados guardas do Rei, os agentes se excitam uns aos outros com a crueldade que praticam; não há um único dia em que algum infeliz não perca um membro para o barbarismo desses carrascos (...)³

Os adjetivos referentes à polícia carioca há mais de duzentos anos podem ainda hoje ser muito apropriadamente utilizados: “carrascos”, “polícia infernal”. Quando os blindados da polícia militar, muito acertadamente apelidados de “caveirões”, com suas tropas de uniformes pretos, e o emblema de uma caveira atravessada por uma faca se aproximam de suas ruas e casas, mesmo inocente, a maioria absoluta da população da favela não se sente segura ou amparada com a chegada dos agentes da lei. Afinal, não possuem o tipo físico que a sociedade privilegiada identifica como pessoas de bem. A pele parda ou preta, o cabelo crespo ou anelado os denunciam como sendo alguém que, ao longo do tempo, havia sido repetidamente rotulado como a causa de todos as mazelas sociais, a origem de todo o mal. Ser um jovem preto favelado no Rio de Janeiro é estar, sobretudo, em constante vigilância e estado latente de opressão.

O rapper, cantor e compositor Emicida⁴, notório por defender a causa negra e por sua luta por igualdade social, na letra de sua música “Ismália” (2019), denuncia a realidade de que ser preto no Rio de Janeiro é ser alvo das balas perdidas que sempre acham um corpo preto para se alojar.

3 ARAGO, Jacques. DOUVILLE, Jewan-Baptiste e outros. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org). Franceses no Brasil: cartas e relatos, 1817-1828. São paulo: Chão. 2021

4 Batizado Leandro Roque de Oliveira, seu nome artístico, EMICIDA é um acróstico para, Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte. Seu trabalho é famoso por promover também a inclusão de artistas e questões que lutam pela igualdade de gênero além da questão étnico-racial.

“80 tiros⁵ te lembram que existe pele alva e pele alvo Quem disparou usava farda (Mais uma vez) Quem te acusou nem lá num tava (Banda de espírito de porco) Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada: Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada.”

Essa truculência institucionalizada vem ao encontro do desejo de quase toda a nata da sociedade brasileira, ávida por espelhar o modelo estadunidense. Não causa espanto então que as orientações objetivas em “caçar negros como se caçam lobos”, denunciada pelo viajante francês no início do século XIX, encontre eco nas polícias militares de outros estados do país, como se verifica das instruções do alto comando da Polícia Militar de São Paulo a seus subordinados na cidade de Campinas: “focando em abordagens a transeuntes e em veículos em atitude suspeita, **especialmente indivíduos de cor parda e negra com idade aparentemente de 18 a 25 anos**”. Confrontado, o Comando da Instituição alegou que ouviu um “deslize de comunicação”⁶.

Não bastasse a opinião pública sobre as “pessoas de cor” e a violenta ação policial costumeira, este tratamento encontra agasalho e abrigo também nas esferas judiciais, onde a cor negra tanto serve como agravante, quanto a cor branca serve como atenuante e mesmo como motivo inocentador. É o que se pode depurar da atitude da juíza de direito da cidade de Campinas, que em sentença afirmou com convicção; “O réu não possui o estereótipo padrão de bandido, possui pele, olhos e cabelos claros, não estando sujeito a ser facilmente confundido.”⁷. Ora, se pele branca, olhos e cabelos claros são características que

5 Referência específica ao caso do músico cujo carro foi alvejado com 80 tiros de fuzil, pelas tropas do exército que atuavam em conjunto com a polícia do Rio de Janeiro em abril de 2019, quando levava a família para um chá de bebê. Segundo o Comando do Exército, a morte do músico negro foi um engano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml> acessado em 17/11/2021

6 Disponível em <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/01/pm-de-campinas-deixa-vazar-ordem-para-priorizar-abordagens-em-negros.html> acessado em 18/11/2021

7 Disponível em <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/03/01/decisao-on-de-juiza-de-campinas-diz-que-reu-nao-tem-estereotipo-padrao-de-bandido-viraliza.ghtml> acessado em 18/11/2021

isentam de suspeita, logo, as características opostas, pele negra e cabelos pretos e crespos são, potencialmente, indicativos de culpa.

Até o fim da escravatura, a cor da pele foi, oficialmente, fator de desumanização, argumento escravizador, que ainda a maior parcela daqueles que são racistas acolhem, mas que guardam apenas para os comentários feitos nos círculos mais restritos; entre os seus. Novamente o rapper Emicida percebe essa característica e assim se manifesta. “Ela quis ser chamada de morena, que isso apaga o abismo entre si e a humanidade plena” (Emicida, 2019). No Brasil, o termo “moreno” passou a designar o fruto da mestiçagem, invariavelmente imposta pelo poder senhorial inconsequente. Homens e mulheres cuja pele não era preta o suficiente para se identificarem como negros, nem branca o suficiente para passarem despercebidos pelo resto da sociedade e, por isso mesmo, encontra as portas fechadas para a plena ascensão social, embora possa experimentar uma situação um pouco mais confortável que aqueles de maior índice de melanina.

É corriqueiro que a Polícia Militar, sobretudo do Rio de Janeiro sempre agiu no melhor estilo de Capitão-do-Mato quando se trata de ações policiais nas favelas e periferias da cidade. Em 1982, o fotógrafo Luis Morier registrou uma cena que estampou as páginas do Jornal do Brasil e que logo ganhou o mundo. Sob o título de “Batida Policial nos Morros do Rio de Janeiro”, a foto de Morier é eloquente em denunciar o racismo policial que vigorava, e vigora ainda, nas corporações brasileiras. Amarrados pelo pescoço, com uma corda tosca, sete homens negros e mal vestidos são conduzidos por um policial militar, tal qual uma leva de escravos conduzidos ao leilão ou levados de volta a alguma fazenda escravista.

Sem que nenhuma ação afirmativa tenha surtido grandes resultados ao longo das décadas, não é de causar espanto que quarenta anos depois deste registro fotográfico, os noticiários continuam repletos de registos de negros mortos por joelhos na garganta⁸, em lojas de departamentos⁹, câmaras de gás

8 Caso George Floyd disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml> acessado em 17/11/2021

9 Caso João Alberto Ferrreira disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml> acessado em 17/11/2021

improvisadas¹⁰ e tantas outras fatalidades.

As vítimas da letalidade policial na cidade do Rio de Janeiro são, em sua esmagadora maioria, pretos e pardos, perfazendo um total de 78% de todas as vítimas das ações policiais¹¹. Diante deste percentual, tal fenômeno não pode ser considerado como força do acaso, mas sim como resultado do racismo institucional ou, pior e talvez mais provável, resultado de um projeto político histórico que sempre pregou e tentou implantar uma política nacional de branqueamento, que fez parte tanto dos discursos oficiais como do imaginário social refletido nas artes e atitudes cotidianas. O quadro do pintor espanhol Modesto Brocos, "A Redenção de Cam" (1895) representa esse desejo de branqueamento que tanto se esperava da sociedade brasileira do século XIX. Na imagem a matriarca lança suas mãos aos céus em agradecimento por sua filha, já mestiça, ter lhe dado uma neta de pele muito mais clara que a sua.

Mas, não apenas a truculência das ações policiais é estrategicamente planejada e direcionada contra uma população específica; não apenas a suposta e fantasiosa inocência da pele pela branca é legitimada pelo judiciário, como também é do agrado político do chefe do Executivo do Estado do Rio de Janeiro. Ações policiais "eficientes" agradam as parcelas mais abastadas da sociedade e transformam-se em apoio político e financiamento de campanhas eleitorais. É essa realidade histórica que justifica, por exemplo, a vibração, em público, do então governador do Estado do Rio de Janeiro, quando um atirador de elite da polícia militar executa o homem que havia sequestrado um ônibus e interditado a Ponte Rio-Niterói em agosto de 2019.

Wilson Witzel salta e esmurra o ar como quem comemora o gol da vitória de seu time de futebol¹². O corpo preto de William Augusto da Silva, de

10 Caso Genivaldo de Jesus <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/05/26/homem-morre-em-camera-de-gas-improvisada-por-policiais-em-viatura.htm> acessado em 17/11/2021

11 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml> acessado em 17/11/2021

12 Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/08/20/interna-brasil,778167/wilson-witzel-comemora-desfecho-com-morte-do-sequestrador-no-rio-de-ja.shtml> acessado em 17/11/2021

vinte anos, estava no chão, mesmo sem ter qualquer antecedente criminal e apresentar problemas psicológicos¹³, seu tratamento foi execução sumária. O policial foi condecorado semanas depois por sua eficiência.

Wilson Witzel, já havia sido alvo de controvérsias ao manifestar publicamente o que pensava sobre a violência das ações policiais. Sua fala parecia representar o que a classe alta da cidade pensava como solução ao problema da criminalidade. “A polícia vai fazer o que é certo: vai mirar na cabecinha e... fogo! pra não ter erro”¹⁴. Ora, se o chefe do executivo estadual se manifesta desta forma, fica claro que a polícia sente-se legitimada ao invadir favelas em seus “caveirões” blindados abatendo aqueles que estejam com furadeiras¹⁵ e guarda-chuvas¹⁶ na mão. Depois, basta alegar engano.

Meses antes, Witzel já havia ganhado os noticiários em outra situação de claro desprezo pelas vidas dos moradores de comunidades carentes, onde a maioria da população é de pobres¹⁷. Ao que parece, a ação foi impulsiva e sem estudos prévios ou estratégia, como foi demonstrado mais tarde pela imprensa.

A violência sempre foi “institucionalizada” pelo Estado brasileiro e legitimada pelos seus códigos legislativos, como a “Lei da Vadiagem” que desde o Império legitimava a prisão e o espancamento de negros, mulatos e pardos nas ruas da cidade, e que, mesmo depois de extinta, continuou fazendo escola. No artigo 295 do Código Criminal do Império, a lei tinha como alvo todos os

13 Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/08/20/sequestrador-onibus-ponte-rio-niteroi.htm#:~:text=O%20homem%20que%20sequestrou%20um,um%20sniper%20da%20Pol%C3%ADcia%20Militar>. acessado em 17/11/2021

14 Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/wilson-witzel-a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo/> acessado em 17/11/2021

15 Refere-se ao caso do homem morto por policial do BOPE. Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/05/policial-do-bope-confunde-furadeira-com-arma-e-mata-morador-do-andara.html> acessado em 17/11/2021

16 Refere-se ao caso do Garsom morto por policial militar no Rio de Janeiro. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html acessado em 17/11/2021

17 Refere-se ao caso dos disparos feitos contra acampamento de evangélicos. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2019/05/07/helicoptero-usado-pelo-governador-para-sobrevoar-comunidade-do-rj-efetuou-disparos-e-atingiu-tenda-de-grupo-evangelico-diz-morador.ghtml> acessado em 17/11/2021

que não conseguissem uma ocupação “honesta e útil” e não tivesse renda suficiente. Ora, seu alvo direto era a multidão de pretos, mulatos e pardos, livres ou libertos que andavam pelas ruas em busca de algum trabalho temporário, algo não tão fácil de conseguir tendo em vista a concorrência dos escravos de ganho. Observe que a lei faz distinção para o “trabalho honesto”; a prostituição, por exemplo, era trabalho desonesto, desde que fosse praticada por uma mulher livre ou liberta, já que muitas escravas tinham como fonte de renda para seus senhores os serviços sexuais que ofereciam nas esquinas da capital.

A lei era um reflexo do elitismo e do racismo latente e explícito na sociedade imperial. O mais perturbador é que até o ano de 2021 estivesse em vigor uma lei semelhante, o Decreto Lei 3.688/41, previa a prisão, de 15 dias a três meses, a quem se entregar “habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência¹⁸. Note que ainda que a pessoa trabalhe, será considerado vadio se aquilo que recebe não for suficiente para seu sustento, como se fosse fácil, em um país de 13 milhões de desempregados e com o uma das mais injustas distribuições de renda do mundo conseguir um emprego formal que satisfizesse plenamente todas as exigências da lei.

No mesmo período então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que ganhou notoriedade ao longo de seu governo por atitudes desrespeitosas e aviltantes, declaradamente racista, apresentou o Projeto de Lei número 882/19 que cria o chamado “Excludente de Ilícitude”, que boa parte dos intelectuais entendeu como uma licença para matar. O projeto previa que policiais que matem em serviço tenham suas possíveis penas minimizadas ou mesmo que não sejam responsabilizados pelo ato. Para o presidente da República, um militar reformado, a ideia é “dar meios ao policial poder agir”¹⁹. É neste ponto

18 Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/845847-proposta-retira-vadiagem-da-lei-de-contravencoes-penais/#:~:text=Atualmente%2C%20essa%20lei%20prev%C3%AA%20pris%C3%A3o,pr%C3%B3pria%20subsist%C3%Aancia%20mediante%20ocupa%C3%A7%C3%A3o%20il%C3%ADcita%E2%80%9D>. acessado em 17/11/2021

19 Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/república/bolsonaro-anuncia-projeto-que-protege-policiais-em-aco-es-de-lei-e-ordem/> acessado em 17/11/2021

que os críticos entendem que a possibilidade de impunidade para as mortes praticadas por policiais leve os índices de letalidade das ações da polícia a níveis ainda maiores.

Na mesma linha, o controverso deputado federal Daniel Silveira (PTB – RJ), ganhou as manchetes por ter arrancado e quebrado, em ato público, a placa que dava a uma rua da cidade o nome de Marielle Franco; vereadora negra, que lutava contra a ação da milícia e em aparo às famílias de policiais mortos em serviço e que foi assassinada em uma emboscada paga. O mesmo deputado foi condenado a 8 anos e 9 meses de prisão por ter ameaçado a vida dos Juízes do Supremo Tribunal Federal e usado suas redes sociais para ameaçar os membros da Suprema Corte. Após receber o indulto presidencial um dia após a condenação, o que demonstra total conivência do chefe do executivo com aqueles que pregam a violência, o parlamentar apresentou à Câmara dos Deputados um projeto – que foi aprovado – onde amplia-se a abrangência do controverso Excludente de Ilicitude. Na proposta, Silveira legitima os excessos cometidos pelos policiais mediante “surpresa ou perturbação de ânimo”. Em poucas palavras, caso um policial reaja no susto, por ter ficado nervoso ou exaltado ou, se suspeitar que alguém possa invadir sua casa, e na reação mate uma pessoa, sua responsabilidade será minimizada ou poderá ser completamente inocentado.²⁰

A farda da polícia, portanto, passa a ser um valhacouto de violência institucional cujo objeto de suas ações é sempre a população preta e parda, ou, como diria a juíza acima citada, aqueles que apresentam “biotipo de suspeitos”.

Em oito de junho de 2021, em Lins de Vasconcelos, periferia do Rio, avó e a neta, grávida de três meses, caminhavam lado-a-lado pela comunidade. Separadas pela pandemia que assombrou, restringiu e fez crescer a saudade, era a oportunidade de se reencontrarem e de se olharem novamente. Eram duas horas da tarde, quando um tiro de fuzil separou, em definitivo, avó e neta.

²⁰ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-aprova-ampliar-excludente-de-ilicitude-e-agravar-penas-de-crimes-contra-policiais/> acessado em 17/11/2021

O corpo de Kathlen encontra a bala perdida pela polícia militar. As balas que a polícia perde sempre encontram um destino. Balas perdidas, vidas perdidas, esperanças perdidas, corpos achados; só os culpados não são encontrados. Não apenas o soldado que aperta o gatilho, mas também o sargento que conduz a operação, o tenente que organiza a ação, o capitão que dá a ordem, o coronel que elabora a estratégia (ou a falta dela), o Secretário de Segurança Pública que quer resultados numéricos, o Governador que precisa de munção política. No fim das contas, a culpa se volta para aquele corpo no chão. Culpado por ser pobre? Culpado por morar na favela? Culpado por ser preto, mulato, pardo?

NA MINHA VOZ UMA ABRAÇO: UM PROTESTO QUE VEM DOS PALCOS.

Foi do meio artístico que veio a voz mais emocionada e comprometida a amparar a dor de Jacklline, mãe da jovem morta pela ação militar. Era a voz de Elza Soares, outra mãe, também favelada, também preta, de passado pobre.

“Jacklline, eu nem posso imaginar a sua dor. Eu não consigo mensurar o que você está sentindo com a perda da sua filha. Não imagino, porque nunca ninguém nesse mundo poderá imaginar a dor que eu senti a cada filho que perdi. É difícil compreender que um filho, uma filha, morrerá antes da mãe. É quase inaceitável para mim, mas muito jovem eu tive que aprender a conviver com essa realidade. Perdi quatro crianças e duas delas foram pelas mesmas mãos invisíveis que levaram a sua filha. A mão da falta de amor ao próximo, a mão do flagelo do racismo estrutural, a mão da ausência do poder público, a mão da falta de esperança que insiste em nos levar.”
(SOARES, 2121)

A cantora Elza Soares, consagrada internacionalmente, condoída e mergulhada na dor de Jackline escreve de mãe para mãe, e pergunta: “O Que faltou? Linda, comunicativa, amorosa, jovem, corajosa, mulher, mãe, negra, de origem simples, batalhadora (...). O que faltou para ela ter o merecido reconhecimento em vida e experimentar o acolhimento que as redes sociais fingem dar?” (SOARES, 2021). Talvez não seja a falta. Talvez seja exatamente aquilo que ela era ou aquilo que ela tinha; era mulher, era negra, era de origem simples, era favelada. Era assim, uma pessoa que, como milhões de tantas outras no Brasil, não tem importância social. A miséria, a cor, o gênero, tudo se impõe contra sua inclusão social, contra o reconhecimento de igualdade. Elza fez a pergunta e ela mesma lança a resposta:

“Faltou pararmos de acreditar que alguma coisa está realmente mudando em nosso país, que aqui preto, mulher, favelado tem algum direito de fato. Às vezes me dá a sensação de que nós somente “ganhamos” esse direito, o reconhecimento do nosso lugar ao Sol, quando morremos ou somos surrados, maltratados, humilhados.” (SOARES 2021)

Elza Soares viu que não se trata de uma questão meramente econômica ou de uma fatalidade do acaso e chama a atenção para o fato de não ser uma questão social e sim uma questão de raça. Uma sociedade construída sobre a dicotomia e o antagonismo entre brancos e pretos não se permite enxergar que os benefícios sociais e a igualdade devem se estender a todos de igual maneira. A trajetória histórica da sociedade brasileira, sempre e constantemente injetada de valores euro- cristãos, que negava e nega ainda, as heranças ancestrais indígenas e africanas, demonizando tudo aquilo que lhe era a antítese, sempre viu o negro como seu inimigo real e uma constante ameaça potencial.

Celia Marinho de Azevedo, em “Onda Negra, Medo Branco” (2004) descortina o imaginário preconceituoso e eivado de medo e ódio que as elites bra-

sileiras tinham sobre os negros durante o século XIX. Ela aponta como essa elite buscava lançar mão dos instrumentos de poder do Estado para combater as festas, encontros, reuniões e cerimônias dos negros e mestiços que ocorriam nos arredores da cidade; mostra também o quanto essas forças policiais estavam sempre prontas a atender a essas convocações da parcela “debem” da sociedade urbana durante o Império.

Célia Marinho afirma que seu trabalho é um estudo sobre o medo (AZEVEDO, 2004), e o medo da sociedade branca brasileira do oitocentos e séculos anteriores, sempre foi sobre o elemento negro e seu universo. O medo de que essa cultura intensa e vigorosa solapasse suas frágeis estruturas sociais e religiosas. Esse medo nunca permitiu que a negritude e suas raízes fossem conhecidas pelos brancos e, na falta do conhecimento, se impõe a destruição; como diz a sabedoria indígena, “aquilo que tememos, destruímos”²¹.

Hoje, talvez este medo ancestral tenha sido acrescentado da enorme resiliência dos negros frente às dificuldades e obstáculos propositadamente criados para sua sobrevivência digna. Gargalos no acesso à educação e educação de qualidade abaixo do desejável, falta de inserção no mercado de trabalho, baixa remuneração, péssimas condições de trabalho, e, ainda assim, esses pretos insistem em viver e fortalecer sua resistência, andar de cabeça erguida ainda que o jugo lhe seja cada vez mais pesado.

Elza Soares continua sua carta emocionada a Jackline:

“Nosso país é especialista em celebrar o póstumo. Para quem? Para enganar quem? É uma emoção triste, quase compensatória, assistir à missa de sétimo dia da morte da Kathlen ali, aos pés do Cristo Redentor, nosso maior cartão-postal, mas seria uma emoção feliz, muito feliz, se estivéssemos assistindo à missa de aniversário de 15 anos, à missa de formatura da Kathlen, da Maria, da Gabriela, da

21 GEROGGE, Dan. Disponível em : <https://citacoes.in/autores/dan-george/>

Elza, da Joana, da Stefani. De tantas outras Kathlens que perdem suas vidas para alguma coisa que se torna maior que nós e mais difícil de combater a cada novo dia, a crueldade com a nossa gente.” (SOARES, 2021)

A cantora alerta para a capacidade da sociedade brasileira em dar valor – ou o fingir valor - apenas após o sangue derramado. Sociedade que apenas finge ser enganada porquanto compactua com a tragédia anunciada e encarnada em sua própria construção. Na última frase deste parágrafo Elza diz que a foice que ceifa a vida de tantas mulheres de cor é um fenômeno “muito maior que ‘todos nós’, e muito mais difícil de combater - a crueldade contra ‘nossa gente’”. Ao usar os termos “todos nós” e “nossa gente”, Elza Soares chama ao palco a identidade negra como um ente coletivo que, dia após dia, luta contra o mesmo inimigo comum, que é maior que esta identidade: a crueldade humana, agravada por se tratar de uma crueldade coletiva, identificada etnicamente , e direcionada a uma parcela que ao longo do processo histórico sempre foi desprovida dos meios necessários para reagir se proteger desta crueldade.

A essa crueldade coletiva Elza Soares dá nome: genocídio. Genocídio dos excluídos, que nesse país de tradição senhorial, são os pretos e mestiços que buscam se empregar de todas as formas em todo tipo de trabalho, pois que emprego formal não há, e quando aparece exige uma escolaridade que a massa preta nunca pode alcançar. “O genocídio contra o nosso povo, contra quem nasce sem qualquer privilégio, como nós, é uma realidade cruel que machuca, maltrata, mata – e também revolta.”(SOARES 2021).

Embora tenha sido dona de uma carreira consolidada, Elza soares era uma mulher negra, nasceu pobre, favelada e que perdeu dois de seus filhos para a fome, e passou a cantar à noite para que seus outros filhos pudessem sobreviver, por isso se identifica com a jovem morta na favela; por isso sempre usa os termos de identificação e proximidade, como “nosso povo” e “como nós”.

Ao se dirigir a Jackline, Elza não esconde o quanto lhe dói perceber que, dentre todos, são sempre os jovens negros aqueles que são sistematicamente mortos pelo sistema de segurança. Um manto de medo e revolta se estende por todos aqueles que conseguem perceber o tratamento desigual que é dado a pretos e brancos pelas autoridades políticas e policiais. Os instrumentos de poder do Estado estão prontos a perseguir, excluir, e eliminar a todos aqueles, não brancos, que reivindicam igualdade, oportunidades e direitos.

Para a cantora, o resultado das eleições de 2018 influenciou no aumento, e na explicitação dos resultados fúnebres das batidas policiais nas favelas. Elza então apela que a morte de Kathlen ao menos sirva como motivador de mudanças políticas, já que o Estado, na figura do chefe do executivo, primou pelo acirramento das desigualdades. “Eu queria que toda a gente se lembrasse da foto que postou da Kathlen quando estiver apertando o botão da urna eletrônica para dar seu voto nas próximas eleições.”(SOARES 2021).

Sua fala é uma convocação ao povo preto para se manifestar em uma das raras vezes em que tem a oportunidade de se expressar. E continua “Eu queria que nosso povo se lembrasse da Kathlen quando visse outra menina promissora e talentosa como ela, passando ali na rede social, bem ao alcance do apoio que poderia ser dado, mas não foi, deixando para quando era hora de celebrar a dor.” (SOARES 2021). Aqui Elza conclama os jovens a uma solidariedade, à formação de uma consciência coletiva que favoreça os jovens pretos e pardos, pobres e favelados a alçarem voos mais altos, Preto apoiando preto, porque os brancos não os farão. Sua fala é a confirmação daquilo que Emicida, na canção “Principia” (2019), deixa claro ao se referir ao apoio que os negros de nosso país têm a seu favor:

Se a benção vem a mim, reparto

Invado cela, sala, quarto

Rodeio o globo, hoje to certo

de que todo mundo é um.

E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem, é nós²²

O rapper chama a atenção para a necessidade de que parcela negra da população perceba que os únicos com os quais pode contar é com ela mesma, e que toda possibilidade de solidariedade deve ser posta em prática, para que como diz a carta de Elza, não seja deixada para quando for a hora de celebrar a dor.

Elza também denuncia, em particular, a situação enfrentada cotidianamente pelas mulheres pretas e pobres e por esse motivo, mais do que por qualquer outro, tem um desafio imensuravelmente maior:

“Uma lutadora como eu, como você, como outras de nós, pessoas que precisam provar sua força mais do que as outras, dia após dia. Nós, mulheres pretas, que década após década vemos nosso futuro desenhado pelas mãos de quem vence, de quem conta a história, mesmo que façamos todo esforço do mundo para mudar essa realidade com nosso sangue, suor, com nossa própria existência. Mesmo que essa luta custe nossas vidas.” (SOARES 2021).

E a que custo. Quantas vidas de mulheres negras ceifadas pela legitimação do poder masculino, patriarcal branco durante séculos. Pesquisas mostram que 64 % das mulheres mortas por ação violenta são negras e que “no período entre 2005 e 2015, 52% de mulheres pretas ou pardas foram

22 Canção, Principia. Interprete Emicida. Autores Leandro Roque de Oliveira e Vinícius Leonard Moreira

vitimadas pelo braço armado do Estado”²³. Mulheres como Mariele Franco, Glaucia Silva²⁴, Luana Barbosa²⁵, Kathelen Romeu.

Na tentativa de consolar Jacklline e mostrar que nem o sucesso esconde a cor, a cantora desabafa: “E não pense que a coisa muda quando a fama chega. Nossa batalha permanece árdua, desleal e cada nova conquista é criticada ou desdenhada”. (SOARES 2021). É uma confissão de que o sucesso do negro é diferente do sucesso do branco, ou de menor relevância ou ainda atingido por meio de méritos questionáveis. E ela continua “a diferença entre a fama e a fome é a vogal”, porque mesmo atingido o sucesso, o mundo à sua volta permanece mergulhado na injustiça e isso lhe atiza uma outra fome:

“Eu tenho fome de justiça pela morte da Kathlen Romeu, do Anderson Gomes, do Carlos Eduardo, da Cláudia Silva, do João Alberto, do Cleiton Correa, do Douglas Rodrigues, do Evaldo Rosa, do menino João Pedro, do menino Miguel Otávio, da Marielle Franco e dos milhares e milhares de pretos que perderam e continuam perdendo suas vidas para o sistema.” (SOARES, 2021)

E como saciar tamanho apetite, quando a raiz do problema penetra tão profundamente na formação da sociedade? Andreelino Campos (2005), ao traçar o histórico do surgimento e desenvolvimento das favelas no Rio de Janeiro, aponta a proposital ausência do Estado nestas áreas dado ao perfil de sua população e assim, desnecessário que os benefícios do Estado se estendam a ela. E ainda denuncia que as favelas não são um espaço criminoso, mas um espaço criminalizado, ou seja, é a visão do Estado e da elite social que lança sobre ela

23 Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/07/mais-da-metade-das-mulheres-mortas-pelas-policias-entre-2005-e-2015-eram-negras> acessado em 18/11/2121

24 Baleada pela polícia e arrastada pela viatura até a morte. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/07/mais-da-metade-das-mulheres-mortas-pelas-policias-entre-2005-e-2015-eram-negras> acessado em 18/11/2121

25 Espancada pela polícia. Disponível em : idem. acessado em 18/11/2121

um preconceito generalizante, e evita os investimentos necessários à mudança desta realidade. Uma sociedade que se nega a enxergar a favela como a única moradia possível a uma população excluída por ser preta. População trabalhadora e que luta desde antes do sol nascer para trazer para casa o pão, a farinha, o feijão. De novo, na letra da canção “A Ordem Natural das Coisas” (2019) Emicida traz à tona essas pessoas, essas mulheres que antes do sol nascer começam sua luta: “A merendeira desce, o ônibus sai; Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce”, é a favela ocupando a cidade, silenciosamente, e também, silenciosamente sendo ignorada.

Elza reconhece essa dura realidade das favelas cariocas e como seus moradores tem um horizonte obstaculado. A coisa é mais profunda do que nos mostram.

“Começa ali na falta de esgoto nas favelas e comunidades, na falta de escolas, de hospitais, de cultura e lazer para nossas crianças. Na criminalização dos ritmos musicais e das manifestações culturais que surgem no morro, como o samba, a capoeira, o funk e tudo que a gente produz. Começa na omissão do poder público na base, na educação dos nossos jovens. Se a morte não é causada pela falta de oportunidades, provavelmente é pelas consequências dessa falta de oportunidades. E quem de nós não for morto por uma ou outra dessas razões morrerá um pouco a cada dia ao ver nossa gente massacrada dessa forma.” (SOARES, 2021)

Filha da favela, Elza Soares tem autoridade sobre o que fala. Lá experimentou a maternidade e o luto, a violência e a fome. É consciente de que a favela não é aquilo que escolheu ser, mas aquilo que conseguiu ser diante da ausência do Estado, que ali só aparece na sua extensão armada; da negligência e mesmo da repulsa da elite social, que vê na favela um cancro corrosivo da

ordem e da paz; do preconceito contra sua cor, sua origem e sua cultura. A favela é, antes de tudo um espaço de resistência, de reafirmação de identidades e resgate de raízes ancestrais.

Como mãe que perdeu dois filhos para a fome, ela se dirige a Jacklline, não para afagar a sua dor, mas fazê-la perceber, se é que isso seja necessário, que essa dor vitalícia deve se tornar uma chama que alimente uma luta incessante por justiça, que alimenta e direciona as ações daqueles que não se conformam com destinos impostos pela força da violência; sobretudo quando a violência e o ataque, quando a causa da dor, vem juntamente daqueles que deveria trazer a segurança, a ordem, a paz e a esperança.

“Eu queria mesmo era abraçar você. Queria te dizer que essa dor nunca vai passar. Que você se lembrará da sua Kathlen dia após dia. A cada novo amanhecer e a cada novo anoitecer. E vai doer. Vai doer muito e continuará doendo todos os dias até o seu último dia aqui. Com o tempo você aprenderá a suportar essa dor, a conviver com ela e com a revolta que ela causa em você e nos seus. Isso fará você cada vez mais forte e mais sedenta por justiça, e essa luta para que a justiça seja feita te dará um novo sentido para viver.” (SOARES, 2121)

Aqui, Elza não está jogando palavras ao vento na tentativa de consolar, fria e formalmente, como que num gesto automático de um velório público, uma mãe desconhecida que acabara de perder sua filha. A cantora conta, na intimidade da carta, um pouco de sua própria vivência e como canalizou sua dor para ações afirmativas dentro daquilo que sabia e podia fazer.

“Foi assim comigo. Eu comecei a cantar para salvar meu filho da fome, para dar a ele o que comer, mas aquela batalha eu

perdi. A partir dali começou a minha guerra, minha luta por cada uma de nós, por cada um de nós, da nossa gente, por todas as vítimas que não tiveram chance de lutar. A partir dali eu empunhei a minha voz, a minha melhor arma para lutar pelos nossos direitos e principalmente pelo direito de cada um de nós à vida.” (SOARES, 2121)

A artista não diz que sua dor a fez procurar uma forma de vingança pessoal, irracional e intempestiva. Sua tentativa de alimentar e salvar seus filhos foi sua batalha pessoal, mas seu ingresso na vida artística, defendendo a negritude de suas raízes, de sua pele, de sua cultura foi a guerra na qual se alistou na esperança de denunciar as mazelas causadas nas comunidades de favela, nos jovens e mulheres pretas e pardas massacradas cotidianamente pelos poderes instituídos e seus braços armados e legitimados; que protegidos pela farda ou pela toga despejam no povo preto, a qual Elza chama de “nossa gente”, as mais variadas formas de opressão. É por meio sua música e sua voz que ela se torna a defensora do direito mais fundamental a qualquer um, mas, diante da realidade experimentada, sobretudo ao povo preto; o direito à vida. E que essa vida venha acompanhada de dignidade e de oportunidade. A mesma oportunidade que foi negada a Kethelen.

Em seu último parágrafo Elza abraça Jacklline no seu momento pessoal de derrota, e reconhece que todos e todas, da nossa gente, perdem um pouco com a morte daquela jovem negra, mas se oferece para, ombro a ombro, guerrearem a mesma guerra, posto que dor tão grande não deve se estender a mais nenhuma outra mãe. “Hoje todas e todos nós perdemos mais uma batalha com a morte da Kathleen, e **esta carta é para segurar nas suas mãos**, Jacklline, e dizer que estaremos juntas nessa guerra para que nenhuma outra mãe sofra a dor que nós sofremos” (SOARES, 2121).

Uma pena que Jacklline e Elza Soares tenham tido tão pouco tempo para lutarem na mesma trincheira; em 20 de janeiro de 2022, apenas sete meses

após o assassinato da jovem Kathelen Romeu, e aos 91 anos de idade, a cantora abandonou definitivamente os palcos, os shows, a luta, a vida. Mas da carta emotiva, solidária e consciente de Elza a Jacklline uma passagem se destaca. A cantora se tornou notória pela potência e originalidade de sua voz, e sendo o que de mais precioso possuía, era justamente isso o que colocava como lenitivo para a dor daquela mãe desolada, uma voz que pudesse envolvê-la e no lugar de falar por ela, pudesse gritar junto com ela para que o mundo ouvisse a dor e o desespero do povo preto em luta constante nas favelas do Rio e do Brasil. Uma voz rascante, poderosa mas que Elza oferece como lança e escudo, como carinho e afago; como promessa e compromisso: “Eu prometi a mim mesma que cada pessoa que sofresse injustiça, fosse quem fosse, teria **na minha voz um abraço.**” (SOARES, 2121).

Que a causa negra ganhe o abraço de Elza Soares. Que as denúncias de sua voz ajudem a provocar as mudanças necessárias na maneira de olhar o negro em nosso país. E que a favela deixe de ser uma reserva de caça ou campo de extermínio. Que os corpos negros deixem de ser alvo das balas perdidas. Que a humanidade seja como o abraço que Elza oferece em sua voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações policiais de todo o país, aliadas a cristalização de um posicionamento racista de parte do judiciário, tem sido prova cabal de um racismo estrutural que legitima o uso metódico da violência contra a população negra que é contínua e sistematicamente alvo de uma necropolítica institucionalizada. A população por sua vez, mesmo composta em sua maioria por afrodescendentes mestiçados, não se reconhece como negros, a menos que sua pele seja o cartaz explícito de sua melanina, assim, não se mobiliza numa luta conjunta contra os estamentos sociais excludentes e contra as práticas institucionais de segregação racial e, porque não, limpeza étnica.

Como os dados apontaram, a maioria absoluta de vítimas letais (e não letais também, embora não tenha entrado no estudo), pertence ao grupo de afrodescendentes, caracterizando, portanto, uma seleção prévia do perfil a ser abordado e da forma como esta abordagem é feita, pelas forças policiais e mesmo pela justiça. As denúncias e as vozes que se levantam do meio artístico como as de Elza Soares, Emicida, Lizzo Matumbi e outros, deveriam ecoar mais fortemente e causar um maior despertar da população para um engajamento, ombro-a-ombro numa luta que deveria ser de todos. Mas, num Brasil contruído sobre a violenta distinção de classes, o sonho do prego é tornar-se martelo.

REFERÊNCIAS

ARAGO, Jacques. DOUVILLE, Jewan-Baptiste e outros. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org). Franceses no Brasil: cartas e relatos, 1817-1828.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites – século XIX. São Paulo: Anna Blume. 2004.

CAMPOS, Andreilino. Do Quilombo à Favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.

SOARES, Elza. Estaremos Juntas Nessa Luta: uma carta para a mãe de Kathelen Romeu, morta durante disparos da polícia no Rio. Revista Piauí, Edição 178, julho de 2021.

Portal G1. <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/01/pm-de-campinas-deixa-vazar-ordem-para-priorizar-abordagens-em-negros.html> Acesso em 17/11/21